

## 4

### **Análise dos Resultados**

Esta sessão se concentra em oferecer uma análise dos dados obtidos através da pesquisa de campo, a luz do modelo de Crawford et al (1991) e da revisão de literatura apresentada.

#### 4.1

##### **Perfil das Entrevistadas**

Conforme já foi mencionado no capítulo que trata da metodologia da pesquisa, a escolha dos indivíduos convidados a participar desta pesquisa foi definido pelo critério de acessibilidade e se deu através da rede de relacionamentos da pesquisadora com a indicação de amigos e parentes.

Embora os indivíduos apresentem uma certa diversidade quanto às profissões desempenhadas, principalmente entre as mães mais velhas, esse fator não foi um critério utilizado no processo de seleção da amostra. O mesmo se dá com relação ao estado civil. A maioria das entrevistadas é casada e apenas três apresentam outras configurações familiares. Isso ocorreu ao acaso, assim como todos os outros aspectos como idade da entrevistada, quantidade de filhos e sexo dos filhos.

Na formação dos grupos de foco, houve a preocupação de se fazer uma divisão por faixa etária e ocupação, uma vez que se imaginou que esses dois aspectos seriam importantes para a formação de um grupo de pesquisa coeso. Fizeram parte do grupo das mães que não trabalham, duas entrevistadas que trabalham em casa, mas que apresentam o mesmo comportamento e atitudes das mães que não possuem uma ocupação específica, além das responsabilidades com a casa e com os filhos.

Após a finalização da análise dos dados coletados, verificou-se que as diferenças no perfil, principalmente no que se refere ao estado civil, não causaram diferenças nos resultados, portanto não houve a necessidade de descartar ou fazer substituição de entrevistadas na amostra final.

## 4.2

### Barreiras Intrapessoais

Conforme foi abordado anteriormente, as barreiras intrapessoais tratam de aspectos psicológicos dos indivíduos e de atributos que influenciam suas preferências de lazer. Alguns exemplos de barreiras intrapessoais incluem stress, depressão, ansiedade, religiosidade, comportamento e atitudes de grupos de referência (amigos e família), capacidade de socialização, habilidades pessoais percebidas e avaliações subjetivas do quão apropriada ou não determinada atividade de lazer parece ser (Crawford e Godbey, 1987).

#### 4.2.1

##### Cansaço

Para as mães é como se as barreiras intrapessoais não existissem, pois embora elas existam, são enfrentadas com sucesso na maior parte das vezes. O cansaço é a barreira mais mencionada e, principalmente, pelas mães que trabalham.

*“Ela tem que sair todo dia tem, às vezes eu mesma levo para passear mesmo que esteja cansada, mesmo que seja um sacrifício, porque eu acho que às vezes você tem que se sacrificar em alguns momentos não é?”*  
(Renata, falando de sua filha).

A dedicação de algumas mulheres com seus filhos é tão intensa, que elas chegam a achar que o compromisso que elas têm com os filhos é de tal natureza, que não têm direito de participar em atividades de lazer voltadas para elas mesmas (Henderson, Bialeschki, Shaw & Freysinger, 1999). Consideram, ainda, que seria um egoísmo de sua parte pensar em lazer para si antes de pensar nas necessidades de seus filhos (Bialeschki & Michener, 1994; Green, Hebron & Woodward, 1990; Harrington, Dawson, & Bolla, 1992; Henderson & Allen, 1991; Shank, 1986).

*“Eu não tinha lazer, inclusive com marido. Eu não acho que fiz certo não. Eu não me dava o direito de ter lazer”* (Bia, entrevistada do grupo das mães mais velhas relatando o quanto abdicou de sua vida na época que o filho era pequeno).

#### 4.2.2

#### Culpa

Uma diferença das entrevistadas que trabalham mais novas para as mais velhas é o fato das mais novas se sentirem muito mais culpadas por acharem que realmente precisam fazer todas as atividades de lazer com os seus filhos. No tempo que as mães mais velhas criaram seus filhos, o volume de trabalho que enfrentavam no dia-a-dia era muito mais tranqüilo do que hoje.

*“A vantagem do meu trabalho naquela época é que era próximo de casa e eu tinha um horário de trabalho tranqüilo (9 às 18hrs), pelo menos tranqüilo se a gente comparar com o ritmo que a gente trabalha hoje, que é muito mais pesado. Além disso, eu tinha flexibilidade para sair mais cedo sempre que eu precisava, daí eu podia levar a Flávia no médico, por exemplo, ou fazer alguma outra coisa que fosse necessária”* (Sylvia).

Com relação às mães que não trabalham, ocorre o oposto. As mães mais novas se dão mais o direito de não participarem de algumas atividades por estarem mais presentes no dia a dia dos filhos e, principalmente, naqueles momentos mais espontâneos quando as crianças brincam livremente em casa ou na pracinha. Já as mais velhas ainda que participassem bastante da vida dos filhos, acabavam ficando em função dos filhos em todos os momentos, até porque não tinham babá que pudesse fazer isso por elas, como é o caso das mais novas.

### 4.2.3

#### Medo

Uma outra barreira encontrada pelas mães é o medo que sentem em expor seus filhos a violência e a insegurança em freqüentar determinados locais considerados perigosos.

*“Minha filha me pergunta se a gente vai passar naquele túnel (lagoa barra) porque ela ouviu várias coisas sobre ele” (Fátima). “A mudança pra pior foi a segurança” (Dulce, ao ser questionada o que tinha mudado da época que criou seus filhos para hoje). “É mesmo, as crianças saem hoje com medo de casa” (Bia, respondendo a mesma pergunta).*

O medo não é comumente considerado por pesquisadores como um fator de restrição ao lazer. E quando ele surge, geralmente tem seu foco voltado para questões de segurança em atividades realizadas ao ar livre (parques, praças) ou medo de não ter habilidades para realizar determinada atividade (Ewert, 1989; Holyfield & Fine, 1997; Little, 2002; Pohl, Borrie & Patterson, 2000). Segundo Koskela (1997), o medo reflete as relações de poder existentes na sociedade, mesmo quando vistas como o produto de uma violência estrutural sistemática e não como reação ao sofrimento causado por uma violência propriamente dita.

### 4.2.4

#### Stress

O interesse pela atuação do stress na vida do homem contemporâneo tem assumido, cada vez mais, uma posição de destaque no cenário de pesquisas em Ciências Humanas. Muitos são os estudiosos empenhados em formular modelos teóricos que expliquem os processos através dos quais os organismos são influenciados por esse fator, que se configura do mal do século – o stress (Fontes, 1982).

Como não podia deixar de ser, o stress é uma barreira bastante presente na vida das mães. No caso deste estudo, esse fator foi identificado no grupo de mães mais novas. Seja porque vivem em um ambiente mais competitivo e cheio de

desafios, seja porque o fato de andar pela cidade do Rio de Janeiro por si só já se constitui em um desafio, esse aspecto representou um divisor de águas entre as gerações.

Mesmo com todas as atribuições que as mães mais velhas tinham, ter uma “jornada dupla” (trabalhar fora de casa e cuidar da casa e dos filhos) não parecia ser uma tarefa tão árdua como é para as mães de hoje. A pressão e a competitividade do mercado de trabalho eram bem menores e os horários mais respeitados.

*“Eu acho que o pior é o stress, essa busca de querer sempre mais é um stress” (Dulce). “Hoje em dia tem mais stress, tem mais trânsito. Antigamente você ia trabalhar de bonde” (Bia).*

#### 4.2.5

#### Motivação

A motivação é um aspecto que parece estar inerente ao papel de mãe. Pela natureza de seu relacionamento com seus filhos, as mães quase sempre demonstram estar motivadas a desfrutar das oportunidades de entretenimento e lazer na medida em que elas estejam disponíveis.

*“Meu final de semana é todo pra ela” (Beth, relatando o tempo dedicado ao lazer da filha).*

Segundo Kotler e Armstrong (1993) a motivação pode ser influenciada por necessidades de ordem fisiológica (fome, sede, desconforto) ou psicológica (reconhecimento, auto-estima, relacionamento) mas muitas vezes essas necessidades não são fortes o suficiente para motivar a pessoa a agir em um dado momento.

No caso do público pesquisado neste trabalho, a motivação, ou melhor, a ausência dela pode representar um fator restritivo para que as mães se engajem em atividades de lazer com os filhos.

#### 4.2.6

#### Algumas Considerações

O prazer dos filhos parece estar acima das barreiras intrapessoais para as mães. E, segundo a amostra pesquisada neste estudo, esta capacidade de sublimar as barreiras intrapessoais em prol dos filhos é ainda mais contundente entre as mães mais velhas. Ao serem perguntadas sobre as atividades que não gostavam de fazer com os seus filhos, praticamente não havia respostas. As mais novas, por sua vez, verbalizam o fato de serem obrigadas a fazer determinados programas que não gostam para deixarem os filhos contentes. E aquelas que têm filhos um pouco mais velhos (capazes de entender restrições e negociar programas com a mãe), relataram que negociam com eles mudanças nos programas para que elas possam ser beneficiadas.

*“Lá em casa tem 2 programas que meus filhos adoram e a gente odeia que é a fazendinha, que é em Vargem Grande e o Rio Water Planet também, nós odiamos! A fazendinha você chega lá na “ppp” e não tem o que fazer! Eles têm e você não! E só tem aquele restaurante lá que é o que você tem que comer. E o Rio Water Planet é até melhor, mas aquela fila, pelo amor de Deus, tem uma fila horrorosa e uma misturada. A gente acaba negociando com eles e só vai de vez em nunca pra esses lugares. Mas acabamos fazendo algo em troca, um outro programa que agrada a eles é claro!” (Adriana).*

As barreiras intrapessoais encontradas no público pesquisado refletem a realidade que esses indivíduos vivem no momento, pois elas são instáveis e mudam sua natureza ao longo do tempo. E embora elas sejam amplamente influenciadas pelo ambiente onde se encontra o indivíduo, elas são vividas no âmbito pessoal.

### 4.3

#### Barreiras Interpessoais

As barreiras interpessoais são o resultado da interação entre os indivíduos ou do relacionamento entre as características pessoais destes indivíduos. Elas atuam nas atividades realizadas em conjunto, afetando as preferências dos envolvidos na prática da atividade. Relacionamento entre marido e mulher e entre pais e filhos são exemplos onde podemos encontrar barreiras deste tipo. E quanto maior o tamanho da família, maior é a chance de surgirem barreiras (Crawford e Godbey, 1987).

#### 4.3.1

##### Cônjuge

O cônjuge é apontado como a maior barreira que as entrevistadas têm que enfrentar para se engajarem em atividades de lazer com seus filhos. Os homens não só participam menos do que as mulheres em atividades de lazer com os filhos, como também têm preferência pelas atividades que envolvem exercício físico, jogos, brincadeiras ao ar livre (Horna, 1989b; Shaw, 1992b). Portanto, uma série de outras atividades, tais como festas de aniversário, parquinhos de shopping, teatro, entre outros, acabam sendo realizadas somente com as mães.

*“Meu marido nunca gostou de atividades que fossem em locais fechados, tipo teatrinho, festinhas de aniversário, shopping e por aí vai. Ele só fazia os programas quando interessava a ele. Como ele sempre gostou de esportes e nós sempre gostamos de atividades ao ar livre, ele sempre ia nos programas tipo praia, Jardim Botânico, Parque da Cidade. Ele adorava ir a praia, mas ficava lendo jornal e nem olhava para as crianças (eu ficava estressada pra ver quem entrava no mar, quem saía de perto da gente, quem comia areia e por aí vai)” (Teresa) “... mas esse negócio de futebol está um saco, quando tem jogo ele já começa o dia te tratando bem, sabe o que tem hoje, tem jogo de futebol eu já tô indo... já começa te paparicando é uma coisa meio estranha assim, aí você já sabe que esta vindo o bote do jogo de futebol”... “Aí tem esse negócio do futebol que é*

*chato, e aí ele vai para o futebol e que se dane se a criança vai ter programa, vai sair de casa...” (Renata). “Meu marido nem ligava elas podiam estar passando mal que ele sai mesmo e nem ligava” (Bernadete). “Meu marido não vai pra festinha infantil. Ele odeia, ele só vai se tiver pai conhecido”... “Meu marido só não arranja problema quando ele gosta do programa. Cinema ele até vai, mas festinha e teatrinho ele não vai!” (Adriana).*

#### 4.3.2

#### Família

Os compromissos familiares, especialmente os obrigatórios (almoços de domingo com hora marcada, por exemplo) com avós, tios, primos, representam obstáculos ao lazer na medida em que limitam o restante do tempo que as crianças possuem para suas outras atividades de lazer e, muitas vezes, criam situações conflitantes entre os pais na decisão de participar ou não em determinados eventos. E, além disso, envolvem um aspecto relevante que é a cobrança existente por trás desses compromissos. Cobra-se a presença, a pontualidade, a permanência, enfim, para algumas famílias acaba sendo algo complicado de ser gerenciado.

*“... tem vezes que não tem jeito, às vezes as pessoas ficam esperando ele, às vezes eu chego na casa dos meus tios, sem o Pedro é outra coisa, porque você não trouxe?”... “E no caso do meu filho, ele é o primeiríssimo, porque eu sou a neta mais velha, sobrinha mais velha, a filha mais velha, então é uma confusão, mas sinceramente eu não ligo muito para isso não, se eu achar que é melhor ele ficar em casa eu deixo ele em casa e ponto, não tem a negociação, às vezes o meu marido acha que eu fico muito de frescura, não vai levar ele.” (Isabela) “... tem sempre almoço na casa da minha avó, da minha tia, fora a família do meu marido que é enorme, então eu vou em metade, cinqüenta por cento eu não vou, mas eu tenho que equilibrar, eu tenho que estar presente de um lado e do outro, esse final de semana tem um almoço na casa da minha avó, eu não vou, eu vou para Petrópolis com o Maneco, porque se não vira uma*

*obrigação. E no Natal, Helena com quinze dias, o pediatra liberou para ir para Petrópolis, aí eu então tá bom, eu vou para Petrópolis, com quinze dias de nascida” ... “Aí subimos para Petrópolis e descemos no mesmo dia, para o almoço na casa da minha avó, o stress foi tão grande que eu fiquei com trinta e nove de febre” (Fernanda). “Minha sogra marcava 1 hora da tarde tinha que estar todos lá na casa dela era um porre estar lá, era um saco. Eu acho que tudo que é obrigação é um saco, um porre” ... “minha filha faz até hoje ar de porre quando tem que ir na casa da avó dela” (Bernadete).*

### 4.3.3

#### Filhos

Os filhos também foram citados como barreiras à realização de seu próprio lazer. Muitas vezes querem algo que não é possível e o que é possível não lhes agrada.

A falta de um amiguinho para fazer um determinado programa pode ser uma barreira que a criança enfrenta diretamente, mas é a mãe que terá que lidar com o problema. E as crianças passam por idades que ter um amigo para fazer um programa parece ser mais importante do que o próprio programa em si.

*“A Flávia adorava chamar as amigas para brincar em nossa casa e também ir brincar com elas. Na verdade, meu carro vivia cheio de crianças porque mesmo quando íamos fazer programas fora de casa, muitas vezes convidávamos as amiguinhas da Flávia pra irem conosco” (Sylvia).*

Segundo Crawford e Godbey (1987), um indivíduo pode experimentar uma barreira interpessoal quando é incapaz de encontrar um parceiro com o qual possa se engajar em determinada atividade de lazer. Jogar tênis é um bom exemplo neste caso, porque não existe a possibilidade da participação neste esporte a não ser que um parceiro seja encontrado.

## 4.4

### Barreiras Estruturais

De acordo com o que foi mencionado no capítulo 2, as barreiras estruturais representam as restrições comumente conceituadas como fatores que intervêm entre a preferência por determinada atividade de lazer e sua efetiva participação nesta atividade. Dentre as barreiras estruturais incluem-se o estágio do ciclo de vida, situação financeira, clima, agenda de trabalho, entre outros (Crawford e Godbey, 1987).

#### 4.4.1

##### Tempo

As mulheres obtiveram uma série de ganhos nas últimas décadas em termos de atividades que eram supostamente adequadas só para os homens e agora estão acessíveis as mulheres também. Além disso, obtiveram o reconhecimento de que as mulheres precisam ter lazer para elas mesmas – o que só era “aceitável” para os homens. Esses ganhos, no entanto, não querem dizer que as mulheres efetivamente têm as mesmas oportunidades de acesso ao lazer que os homens. Pesquisas demonstraram que as mulheres têm menos acesso e menos recursos do que os homens para a prática do lazer (Shaw, 1985b).

Com o aumento da inclusão da mulher no mercado de trabalho Americano e Canadense (e.g., Gratton & Holiday, 1995; Schor, 1991; Shaw, 1990a), por exemplo, observou-se um aumento do stress e das doenças a ele associadas e uma redução significativa na participação da mulher em atividades de lazer (Schor, 1991). Essa falta de tempo para o lazer é particularmente mais presente para as mulheres que precisam conciliar suas responsabilidades de dona de casa, cuidados com os filhos e ainda um trabalho formal (Hochschild, 1989). As mulheres que possuem crianças pequenas são particularmente mais afetadas, envolvendo uma porção ainda maior do seu tempo e, com isso, diminuindo seu tempo de lazer (Horna, 1989b; Shank, 1986; Shaw, 1985a).

Corroborando com a literatura apresentada, para o público pesquisado, o tempo é o fator mais citado como impeditivo à participação em atividades. E isso

se apresenta com muito mais intensidade entre as mães que trabalham, embora faça parte da rotina das que não trabalham em menor escala.

*“Eu trabalho com eventos, e o pan-americano é uma grande fábrica de fazer eventos esportivos e eventos esportivos e evento de entretenimento então só são feitos finais de semana, antes não era problema, mas agora com filha é complicado. Agora está sendo bem pesado. Fora que eu moro em Laranjeiras e o escritório fica na Barra, eu fico 3 horas às vezes no trânsito. Na época de natal eu ficava 2 horas só pra voltar pra casa por causa daquela árvore bendita. Eu sou muito infeliz” (Beth). “Fiquei um ano sem fazer preventivo. Eu queria chegar correndo do trabalho pra ficar com a minha filha e não ir pra uma academia. Teve uma época que apareceu uma bola nas minhas costas e eu queria ir ao médico pra saber o que era e não consegui, a bola foi e voltou e nada, não fui ao médico” (Geórgia).*

As mães mais velhas não sentiam que a pressão do tempo era fonte de tanta pressão em suas vidas. Elas relataram que até tinham tempo de brincar com seus filhos durante a semana. Isso se deve a três fatores: a carga horária de trabalho era menor; não tinham reuniões de última hora e não lidavam com as imprevisibilidades que as mães de hoje enfrentam – reuniões de última hora, apresentações que precisam ser preparadas a toque de caixa, entre outras coisas que afetam sobremaneira o dia-a-dia das mães que estão no mercado de trabalho neste momento; e, conseqüentemente, tinham uma rotina de trabalho bem menos estressante.

*“A vantagem do meu trabalho naquela época é que era próximo de casa e eu tinha um horário de trabalho tranquilo (9 às 18hrs), pelo menos tranquilo se a gente comparar com o ritmo que a gente trabalha hoje, que é muito mais pesado. Além disso, eu tinha flexibilidade para sair mais cedo sempre que eu precisava, daí eu podia levar a Flávia no médico, por exemplo, ou fazer alguma outra coisa que fosse necessária” (Sylvia)*  
*“Hoje em dia a mulher que sai às 6 da tarde é milagre. Antigamente a vida era mais calma” (Bia). “Minha filha trabalha muito mais do que eu*

*trabalhei na minha época, mas acho que ela equacionou muito bem, ela tem 3 filhos e tem 3 babas, tem motorista. Ela tem uma boa estrutura com as crianças. O pouco que ela fica com as crianças tem qualidade porque não adianta você tem quantidade e não ter qualidade” (Eponina). “Antigamente tinha mais viúvas do que viúvos e hoje em dia é diferente. Tem mais viúvo que viúvas, a gente se desgasta mais e ainda ganha menos dinheiro” (Dulce).*

Percebemos que a falta de tempo enfrentada pelas mães que estão inseridas no mercado de trabalho hoje, afetam sobremaneira o lazer dos filhos, especialmente durante a semana. Já no final de semana, apesar de estarem cansadas e, muitas vezes sem disposição para participar em atividades de lazer, as mães acabam sacrificando o próprio lazer em prol do lazer dos filhos por se sentirem em dívida.

*“Como eu morava em casa eu aproveitava com eles, a gente tinha cachorro, piscina, eles andavam de bicicleta e conseguiam fazer isso durante a semana. No fim de semana a gente ia pra o aterro, quando eles cresceram eu ia pra concertos com eles, pra Cecília Meireles, teatrinho que não era tão fácil como é hoje em dia” (Eponina). “Durante a semana ela tem mais um lazer espontâneo porque a gente nem está ali perto. A minha filha brinca até sozinha, pela manhã ela brinca pouco porque o tempo é curto. À noite ela vê um filme comigo, ficamos juntas. E tem até aquelas festinhas infantis que a mãe deixa e depois vai buscar e é isso que mãe adora. Eu nunca consigo levar pra essas festinhas, mas aí eu combino com as mães que eu vou buscar” (Fátima). “Tenho conseguido sair no máximo 19h30 do trabalho, e acompanho bem as meninas, mas antes eu ficava até muito mais tarde e era bem complicado. Além de chegar mais tarde, eu chegava muito cansada. A de 15 anos me solicita muito. Lá em casa quando chego parece que tenho até que tenho mel, todo mundo me chama. É marido, é filha” (Zezé).*

#### 4.4.2

### Segurança

A segurança é uma barreira estrutural que impacta fortemente toda a sociedade, e para o público pesquisado, isso não é diferente. As mães temem por sua segurança e, de maneira ainda mais forte, temem pela segurança de seus filhos.

*“Eu ainda não levei a Clarice no zoológico porque na quinta da boa vista é bem perigoso. A gente ouve muito falar de coisas que acontecem ali. Hoje é mais cômodo eu ir no clube e ir na praia, ou cinema de shopping porque tem estacionamento e os cinemas de rua não tem. O que me angustia é que as crianças hoje em dia têm medo da violência. Que nem naquele filme Crash que a menina dorme embaixo da cama com medo da bala perdida, aqui ali é Rio de Janeiro” (Geórgia). “Eu acho que o que pesa muito é a falta de segurança mesmo! Meu filho vai crescer com medo de ser assaltado, seqüestrado. Hoje em dia perdemos o direito de ir e vir” (Isabela). “Eu com 12 anos andava de ônibus sozinha e hoje em dia é impossível” (Daniela). “Eu acho que segurança limita muito! Segurança virou uma barreira” (Fernanda). “Aqui no Rio a violência está muito grande. O Parque da Cidade, por exemplo, ouvi dizer que não está legal... que a frequência ficou muito ruim por causa da favela que tem ali perto. Até na praia a gente tem que ficar muito atento pra não perder as crianças e ao mesmo tempo não ser assaltados” (Teresa). “Durante o tempo que moramos no Rio, andávamos sempre alertas e nunca fomos abordados diretamente, apesar de termos presenciado cenas bastante perigosas. Quando voltamos para Vila Velha, achamos que estávamos vindo pro céu. Com um mês de escola, minha filha e a empregada foram abordadas quando voltavam a pé, já pertinho de casa. Ele levou o relógio da empregada. Queria a mochila da minha filha e a empregada pediu que não levasse, pois só tinha cadernos/livros. Caímos na real. A violência está em todo canto MESMO” (Adriana).*

O trecho da coluna do professor Ubiratan Iorio no Jornal do Brasil de 26/02/2007, retrata o sentimento das pessoas que moram na cidade Rio de Janeiro. Um sentimento de impotência e de total insegurança.

“Exige resposta esta justa revolta de todas as pessoas de bem contra o estado de calamidade a que chegou a segurança pública nas grandes cidades – que o governador do Rio, corretamente, comparou a uma guerra civil - e que atingiu o cume com a inominável maldade de execráveis marginais contra o inocente Joãozinho. É verdade ser prudente não tomar decisões em momentos de insopitável tensão emocional, mas também clama aos céus que não fazer nada diante do assustador quadro atual é demonstrar irresponsabilidade, covardia ou – pior! – conivência com o crime, seja ou não bárbaro como o que vitimou o menino-mártir. Os cariocas e brasileiros, enfim, depois de anos de letargia e de aceitação passiva de discursos “politicamente corretos”, começam a bradar e cobrar por justiça. Isto é cidadania.”

Não se pode deixar de evidenciar que em função deste fator extremamente restritivo, as opções de lazer tornam-se mais limitadas do que normalmente seriam se esse estudo fosse realizado em uma localidade que tivesse um nível de segurança mais confortável. E talvez esse fator não causasse grande impacto como se pode observar nesse estudo.

#### **4.4.3**

##### **Clima**

Numa cidade como o Rio de Janeiro, que apresenta uma enorme variedade de atividades ao ar livre, o fator clima é bastante importante. Especialmente tratando-se de lazer infantil, pois as atividades ao ar livre geralmente são as preferidas das crianças. Segundo o público pesquisado, isso parece estar relacionado à sensação de liberdade que as crianças têm quando brincam ao ar livre, talvez pela falta de regras deste tipo de programa. Regras essas que já fazem parte da rotina diária delas.

*“Atividades ao ar livre eram sempre as preferidas deles. Íamos muito ao aterro do flamengo também. Quando não levávamos as bicicletas, a gente alugava e as crianças se esbaldavam. O Parque da Cidade era muito legal. Fizemos muitos piqueniques e as crianças adoravam ir pra lá porque ficavam soltas e ainda tinha um riozinho que passava no meio do parque que eles acabavam entrando de roupa e tudo, saíam todos molhados... era muito gostoso” (Teresa) “Praia era um programa já certo. Tínhamos um casal de amigos que tinha quatro filhas e eles sempre estavam conosco. Então já sabíamos que tinha praia no sábado. Então, a gente acordava e via como estava o tempo. Se tivesse sol era praia, se tivesse nublado a gente sempre escolhia alguma opção ao ar livre” (Maria). “A Giulia adora ir na pracinha para correr livremente e ficar olhando os cachorros que estão por lá. Gosta de vê-los, mas ainda tem um certo receio quando eles se aproximam. Também gosta muito de atividades na água. Praia e piscina são passeios de sucesso. Fica bastante tempo brincando na piscina inflável menorzinha que levamos para a área da piscina” (Lígia).*

Além de ter que contar com um clima bom para a realização dessas atividades, sabe-se que a cidade do Rio de Janeiro não tem estrutura adequada para comportar volumes muito grandes de chuva. Ou seja, quando chove muito, as atividades ao ar livre ficam impossibilitadas e o acesso a locais fechados muitas vezes fica prejudicado por enchentes e congestionamentos.

Um fato bastante relevante com relação a esta restrição é que grande parte do volume de chuva da cidade do Rio de Janeiro ocorre no período das férias de verão das crianças, nos meses de janeiro e fevereiro. E isso é um fator muito limitador para as mães que precisam organizar a agenda de atividades dos filhos neste período.

Na Figura 3 abaixo, segue uma lista das atividades preferidas pelas crianças da amostra pesquisada. As atividades ao ar livre estão presentes em quase todas as declarações de atividades preferidas.

Mães	Idade	Nº Filhos	Idade	Sexo	Lazer Preferido
L'gia	32	1	2	F	Pracinha, Piscina, Praia
Carolina	33	1	1	M	Ir pra pracinha, piscina
Adriana F.	42	2	15 e 11	F	Praia, Piscina, Aterro, Parquinho de Shopping
Teresa	55	3	33, 28 e 25	2F 1M	Praia, Piscina, Aterro, Parque da Cidade
Sylvia	55	1	25	F	Festinha de Aniversário, S'tio, Praia
Maria	57	3	33, 28 e 26	2F 1M	Praia, Piscina, Teatro
Nice	65	2	35 e 33	F	Brincar no play, S'tio, Piscina
Elizabeth	33	1	1	F	Parquinhos do Shopping
Sheila	33	1	1	F	Piscina, Praia
Isabela	34	1	1	M	Play do pr'dio, Piscina
Renata	36	2	6	F	Teatro, Piscina, Assistir TV
			7M	M	
Fernanda	36	2	2	F	Praia, Piscina, Festinha de Aniversário
			2M	F	
Adriana C.	37	2	8 e 5	F e M	Brincar na Internet, ver filme, praia, visitar amigos
Daniela	37	2	5	F	Piscina, Festinha de Aniversário
			1	F	
Ge—rgia	40	1	6	F	Piscina
Ftima	42	1	10	F	Ir no salo com a m'oe, Piscina
Maria Jos	48	2	15	F	Praia, Teatro, Viajar.
			9	F	
Beatriz	48	1	20	M	Brincar na Rua
Eponina	63	2	36 e 32	F e M	Zool—gico, Praia, Parques
Dulce	65	2	37 e 33	F	Praia, Piscina
Bernadete	67	2	37 e 33	F	Teres—polis - Brincar ao ar livre, Praia

Figura 3 – Perfil dos Filhos

\* F: crianças do sexo feminino e M: crianças do sexo masculino

\*\* Na coluna idade, a letra M representa meses.

#### 4.5

### Modelo de Restrições ao Lazer (Crawford, Godbey & Jackson, 1991) Revisitado

Corroborando com o modelo apresentado neste estudo, as restrições são enfrentadas em uma ordem hierárquica partindo das interpessoais, passando pelas interpessoais e, então as estruturais (Crawford, Godbey & Jackson, 1991).

A participação, portanto, será resultado da ausência de restrições, do sucesso em sua negociação ou caso a restrição seja mais forte, o resultado será a não-participação. No caso do público-alvo deste estudo, a não-participação é algo que praticamente não existe. A forma de participação pode até ser alterada de alguma forma, mas deixar de se engajar em alguma atividade de lazer com seus filhos é algo que praticamente não acontece com as mães pesquisadas.

Os fatores encontrados neste trabalho complementam o modelo de Crawford et al (1991), conforme sugere a Figura 4 abaixo.

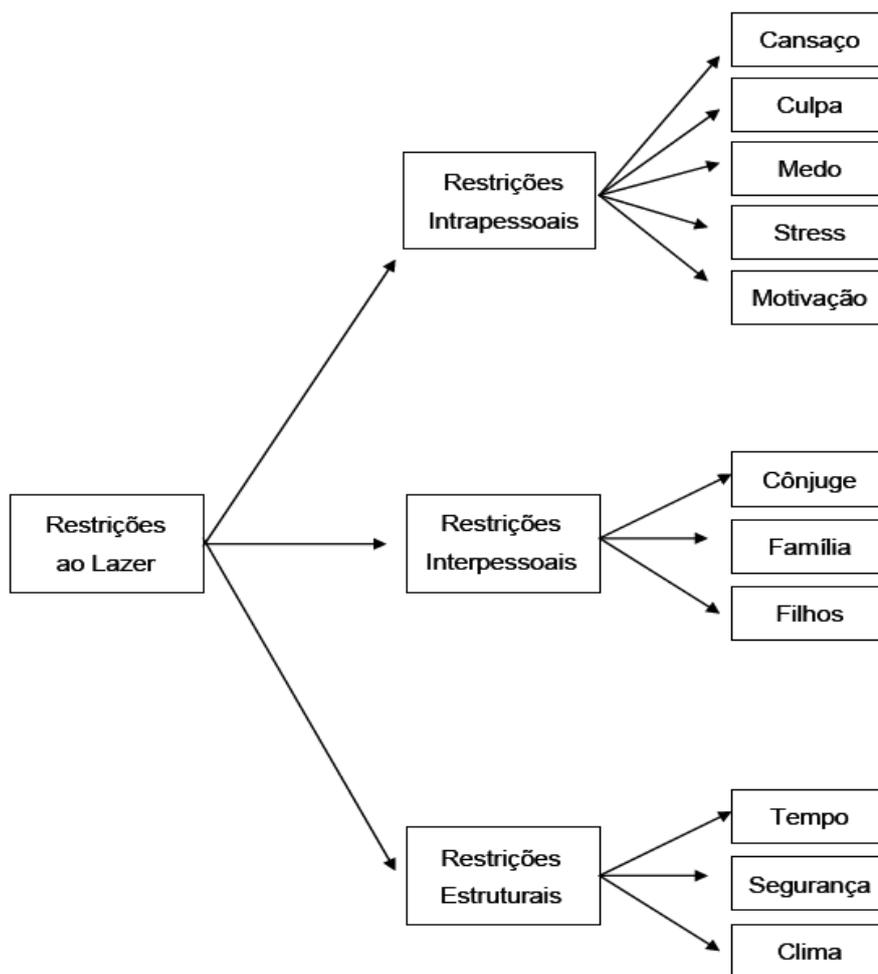


Figura 4 – Complementação do Modelo de Crawford et al (1991)

## 4.6

### Considerações Finais

#### 4.6.1

#### Cuidado com os Filhos

Duas grandes diferenças foram encontradas no cuidado com os filhos. Uma delas diz respeito à idade das mães e a outra com relação à ocupação:

- A figura da babá no cuidado com os filhos só aparece no grupo de mães mais novas. Nas décadas passadas, não era tão comum encontrarmos a figura da babá. Talvez porque culturalmente isso fosse

algo não aceitável ou até mesmo porque os costumes fossem diferentes. O cuidado dos filhos (tanto para as mães que trabalhavam quanto para as que não trabalhavam) era feito por uma empregada doméstica de confiança que também acumulava a responsabilidade de cuidar das crianças quando as mães precisavam. Uma figura mais presente na rotina diária das crianças eram as avós. As mães geralmente contavam com a ajuda das avós para dividir com elas o cuidado com os filhos e/ou supervisionar o trabalho da empregada.

*“Não tinha babá, era só empregada, antigamente era uma babá que era também empregada”* (Nice) *“É verdade, e também a gente nem tinha grana pra isso”* (Dulce). *“Minha mãe me ajudou bastante”* (Bernadete).

- Entre as entrevistadas mais novas, foi identificada uma diferença no cuidado com os filhos no final de semana. Quase todas as mães fazem uso da babá durante a semana, sendo que dentre aquelas que possuem filhos mais velhos (5 anos ou mais) existem as que não sentem mais necessidade de terem duas pessoas e acabam optando por uma empregada que durma na casa e faça o papel da babá quando necessário.

Nos finais de semana, a maior parte das mães que trabalham opta por não ter uma babá folguista (aquela que trabalha quando a babá está de folga), pois querem ficar mais próximas de seus filhos, uma vez que já trabalham durante a semana e têm pouco tempo para ficar com os filhos. No grupo das que não trabalham isso não acontece. Por estarem presentes na rotina diária dos filhos, fazem uso da folguista para terem seus momentos de lazer sozinha ou com o marido no final de semana.

Mães que não trabalham: *“Eu tenho babá 100% do tempo. Eu tenho babá e folguista. Eu nunca estou sozinha”* (Isabela). *“Tenho babá e uma folguista, tenho sempre uma pessoa 24 horas também”* (Fernanda). *“Eu*

*não tive folguista até 7, 8 meses, aí não dava tempo pra nada, aí eu pensei: porque esse sacrifício todo! Ai o que você faz, deixa de ser prazer e fica sendo ruim. Meu marido é europeu então ele tem uma cultura diferente, ele ajuda muito, ele dá banho nela, ele sai com ela, ele acorda pra dar mamadeira, ele cuida muito dela, mas se der a hora dele correr ele larga tudo e vai. Se alguém tem que deixar se fazer alguma coisa, quem vai deixar de fazer sou eu. Hoje em dia eu fico com folguista” (Sheila). “Lá em casa também tem babá e folguista” (Daniela).*

Mães que trabalham: *“Não tenho folguista por opção, nunca quis babá fim de semana” (Geórgia). “Eu tenho sábado de manhã, ela vai embora na hora do almoço” (Beth). “Quando as crianças eram menores eu tinha uma pessoa que ficava de noite como babá e durante o dia era empregada, mas hoje em dia paramos com isso. Eles não dão mais trabalho ai quando a gente sai deixamos na casa da minha mãe ou da sogra” (Adriana). “Sempre que precisamos sair de noite e não podemos levar a Giulia, contratamos uma pessoa que cuida dela na creche pra ficar aqui em casa com ela ou a deixamos na casa da minha mãe. Como não temos babá, a Giulia acabou se acostumando a fazer muitos programas noturnos conosco: restaurantes, ir à casa de amigos, etc. Durante os finais de semana, a Giulia fica comigo e com meu marido. Também não temos babá nem folguista nestes dias” (Lígia).*

#### **4.6.2**

##### **O papel da escola**

As mães mais velhas relatam que a escola tinha a função de ocupar as crianças para que elas e as empregadas ficassem liberadas para fazerem suas tarefas diárias. Já as mais novas, se mostram mais preocupadas com o desenvolvimento, a socialização dos filhos e têm a preocupação dos filhos serem supervisionados por pessoas que tenham preparo pedagógico para isso.

Mães mais velhas:

*“A motivação de a Fernanda ir pra escola foi que a empregada que era babá dela foi casar, aí entrou outra e coloquei ela na escola pra empregada ter tempo de cuidar da casa também”* (Eponina). *“O Marck entrou com 1 ano e meio, a motivação foi pra eu continuar a trabalhar e não sobrecarregar a minha mãe. Mas eu não pensava em socializar não”* (Bia) *“Socialização já era o dia a dia mesmo, não a escola”* (Eponina). *“É mesmo eles iam pra escola pra não ocupar muito a empregada”* (Bernadete).

Mães mais novas:

*“Eu coloquei a Clarisse na creche para ela se socializar com outras crianças quando tinha 2 anos”* (Geórgia). *“Eu acho um saco empregada, elas falam muito errado, eu não gosto de ficar repetindo tudo a toda hora. Prefiro colocar na creche porque lá elas são mais preparadas”* (Sheila). *“Se eu não tivesse a minha mãe me ajudando, eu com certeza colocaria na creche, porque é uma coisa mais profissionalizante”* (Beth). *“Exatamente igual o que ela falou, eu não queria que a minha filha ficasse o tempo todo com a babá, por melhor que fosse a babá. Com um ano e mês ela começou a andar e eu coloquei na creche”* (Fernanda).

### 4.6.3

#### Resgate das Mulheres

Um aspecto extremamente importante que está indiretamente relacionado ao objeto deste estudo e, que, surgiu como um sentimento muito forte nos grupos das mães mais novas é o papel da mulher na sociedade. A sensação de que a mulher conquistou muitos espaços e que as conseqüências disso trouxeram mais perdas do que ganhos é uma constante entre as entrevistadas.

*“Eu tenho ódio daquelas mulheres que queimaram o sutiã, se eu pudesse eu matava elas! Eu acho legal trabalhar, eu gosto do que eu faço, mas o ritmo que temos hoje é pesado demais”* (Beth). *“Eu trabalhava nas Lojas americanas e era compradora, e eu comprava produtos importados. Eu*

*vivia viajando, eu viajava pra China, Taiwan, Argentina, EUA, era uma coisa maravilhosa porque eu adoro viajar, e comprar coisas, olha que delícia, mulher adora comprar. Então era um trabalho que eu me realizava demais até que eu fiquei grávida da Carol, aí eu viajei com 2 meses de gravidez fui pros EUA, com 3 eu fui pra Argentina, com 4 eu fui pra China e até os 8 meses eu fiquei fazendo viagens nacionais aí eu parei, tive neném, quando ela tinha 5 meses eu voltei e fui logo pra China e fiquei 1 mês, e o ritmo era acelerado, eu não via ela acordada. Aí parei tudo e disse que não queria isso pra mim nem pra minha filha, aí mudei de emprego. Eu continuei muito infeliz, fui pra Latasa e depois pra Intelig, eu gosto hoje de trabalhar, mas aquela realização que eu tinha, aquela coisa maravilhosa que o trabalho era pra mim antigamente não é mais hoje em dia, então hoje a Intelig me dá uma vida mais tranqüila, mas por outro lado fiquei um pouco frustrada, mas não pode se ter tudo na vida. Quando eu sai das Lojas americanas eu durante 1 mês na Latasa eu chorava porque não gostava de nada lá, aí na Intelig eu também chorava no início porque não era nada do que eu queria. Acho que no fundo a mulher tem uma carga tão grande que a gente tem essa angústia, porque alguma coisa não está legal, tem que cuidar de babá, de filho, de casa, de trabalho, de marido” (Adriana). “Esse feminismo só atrapalhou. Antes a gente fazia poucas coisas bem feitas hoje em dia a gente faz varias coisas mal feitas” (Nice).*

Como vimos anteriormente, os movimentos de mulheres, nos dias atuais, não podem mais concentrar todas as suas forças na luta pela conquista da igualdade no campo do trabalho - da profissão. Há um longo caminho a ser percorrido com relação às obrigações domésticas e ao tempo do lazer, até mesmo para vivê-lo a dois, mas é fundamental que essa vivência signifique escolha conjunta do que, como e onde fazer, e não apenas submissão e concessão (Marcellino, 1996).

A busca de um equilíbrio entre vida pessoal e profissional é uma meta que as mães gostariam de alcançar. No grupo de entrevistadas que não trabalham (ou que trabalham em casa) somente uma mencionou que gostaria de voltar a

trabalhar nos moldes de trabalho que tinha antes de ter filho – como funcionária de uma empresa submetida as suas regras e horários.

*“O que sinto falta é de trabalhar, sinto falta do que fazer e estou procurando emprego” (Isabela).*

As demais entrevistadas estão em busca de algo que possa trazer tanto realização profissional quanto pessoal, mas isso ainda é muito difícil de encontrar no mercado de trabalho que temos hoje.

*“Hoje trabalho em casa com designer e em casa, por causa da minha filha. Porque antes eu trabalhava num ritmo completamente louco, que era uma agencia de publicidade, eu trabalhava 14 horas por dia. Impossível! Aí fui trabalhar em casa, e o pior que eu achava que não ia conseguir trabalhar sozinha e foi ótimo porque os clientes mandavam trabalho de designer e não de publicidade para mim, e estou até hoje” (Fernanda).* *“Quando eu tinha confecção eu e meu marido conversamos e vimos que eu tinha que dar um tempo. Porque o horário começou a ficar confuso e meu marido viaja muito. Eu até queria voltar a trabalhar, mas queria algo que não tomasse meu tempo todo” (Daniela).* *“Eu trabalhava em agência de propaganda, era muito ruim porque eu quase não via meu marido. Eu quando virei mãe aí queria curtir mais, na própria gravidez eu parei de trabalhar. Eu queria ser mãe na plenitude. Eu parei de trabalhar pra tentar ser mãe, fazer ultra som seriado trabalhando não dá né? Aí parei de trabalhar e comecei a fazer coisas que queria há muito tempo como viajar com o meu marido, eu olhei pela primeira vez pra cara da empregada (risos). Mãe de primeira viagem você quer ser a primeira a fazer aquilo, aquilo outro!” (Renata).*

#### 4.6.4

### Condomínios

O advento dos condomínios residenciais tem sido uma das melhores opções para quem deseja morar num lugar mais seguro e com boa infra-estrutura de lazer. E para as mães que trabalham, acaba sendo uma opção muito confortável porque a criança tem todas as opções dentro de um mesmo lugar, proporcionando a mãe um sentimento de tranquilidade. No entanto, na cidade do Rio de Janeiro a maior parte desses complexos estão localizados em regiões distantes de onde se encontram a maioria das empresas. Isso acaba sendo um fator de desgaste para os pais que enfrentam trânsito diariamente e o stress a ele associado, tudo isso sendo compensado pelo bem estar de seus filhos.

*“Eu tenho um agravante que eu moro na Barra e trabalho em Botafogo, então eu perco muito tempo no trânsito, mas eu me sacrifico pra ter tudo dentro do condomínio. A Camila tem inglês dentro do condomínio, estuda no santo agostinho dentro do condomínio, faz natação dentro do condomínio, tudo. Assim eu fico bem mais tranquila.” (Fátima)*

O condomínio residencial traz um resgate, de uma forma diferente em sua essência, da vida que se tinha há duas ou três décadas atrás, onde era possível e, permitido pelos pais, que seus filhos brincassem na rua sem a necessidade da supervisão de um adulto.

*“... desenho animado e brincar na porta da casa era o lazer deles durante a semana” (Bia). “Meus filhos durante a semana brincavam na vila, iam pra casa da vizinha, brincava na casa de brinquedo” (Eponina).*